

Redes sociais e religião: a Igreja Católica diante da sociedade imagética conectada

Social networks and religion: Catholic church facing the connected imaging society

Bonnie Moraes Manhães de Azevedo
Raphael da Silva Ferreira²

RESUMO

O contexto religioso atual é permeado pela forte presença dos católicos nas mídias sociais, expondo nestas suas vivências religiosas. Diante dessa constante evolução nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), a Igreja Católica posiciona-se anualmente, esclarecendo seus fiéis sobre como e quando as TICs e, nelas, as mídias sociais, podem contribuir no cotidiano religioso dos católicos. Este artigo busca compreender como a Igreja Católica vem interpretando essas transformações colocadas pelas TICs, a partir das mensagens pelas quais a instituição instrui seus fiéis a se relacionarem com elas. Os estudos sobre a relação entre comunicação e religião realizados por Moisés Sbardelotto e por Antonio Spadaro orientam a análise de discurso das mensagens papais apresentada no presente artigo.

Palavras-chave: TICs, redes sociais; Igreja Católica, análise de discurso.

ABSTRACT

The current religious context is permeated by the strong presence of Catholics in social media, exposing in these, the irreligious experiences. Faced with this constant progress in Information and Communication Technologies (ICTs), the Catholic Church positions itself annually, clarifying its faithful show and when ICTs and, specially, social media, can contribute to the religious lives of Catholics. This article tries to understand how the Catholic Church has interpreted these transformations placed by the ICTs, from the messages through which the institution instructs its faithful to relate to them. The studies on the relationship between communication and religion carried out by Moisés Sbardelotto and by Antonio Spadaro orient the discourse analysis of the papal messages presented in this article.

Keywords: ICTs, social networks; Catholic Church; discourse analysis.

¹ Antropóloga, Doutora em Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento (UFRJ). Docente na UCAM-Campos e no Instituto Eclesiástico de Filosofia e Teologia “Sedes Sapientiae”. Contato: bonnieazevedo@gmail.com

² Graduando em Teologia no Instituto Eclesiástico de Filosofia e Teologia “Sedes Sapientiae”. Contato: ferreirarsfl@gmail.com. Artigo recebido em 29/03/2018 e aprovado em 17/09/2018.

Introdução

Os estudos de sociologia da religião buscam compreender a dimensão religiosa do comportamento humano, a partir das relações que os homens constroem entre si, em sua busca pelo transcendente, por esse algo que seja maior que si, seja para afirmá-lo ou para negá-lo, para o qual oriente a sua existência.

O cristianismo – maior religião do mundo, com aproximadamente 2,2 bilhões de cristãos, dos quais 531 milhões³ estão na América Latina e Caribe (PEW RESEARCH CENTER, 2012, p. 17) – almeja comunicar os efeitos do que é considerado seu evento fundante, a saber: a ressurreição de Cristo. Por intermédio do que se entende por evangelização, isto é, a comunicação da mensagem do evangelho, busca tornar possível a experiência com o sagrado nas mais diversas épocas da história. A religião cristã está institucionalizada e estabelecida em diversos países do mundo, incluindo o Brasil. Mas o cenário está longe de ser estático. O Brasil passa por uma transição religiosa acelerada, traduzida em parte pela diminuição percentual dos católicos e pela ascensão dos cristãos evangélicos. De acordo com o IBGE, de 2000 para 2010, os católicos passaram de 73,6% para 64,6% da população, enquanto os cristãos evangélicos passaram de 15,4 % para 22,2 % (IBGE, 2010, p. 91). Esse cenário é de alerta para o Catolicismo. Em um contexto de mudanças tão intensas e num país estratégico para o Catolicismo, em razão da tradição e da extensão da sua presença, ainda sendo a religião predominante no país (IBGE, 2010, p. 91), a Igreja necessita dialogar com novos fenômenos e acontecimentos, entre eles o advento da tecnologia da informação, constituindo um novo ambiente no qual a Igreja deve transitar (SPADARO, 2012).

Neste ambiente virtual, destacamos o importante papel das redes sociais. A própria Igreja Católica, institucionalmente, vem utilizando as redes sociais para se fortalecer entre os jovens. O Instagram oficial do Papa Francisco – *@franciscus* – criado em 19 de março de 2016, possui mais de 5,7 milhões de seguidores⁴. Além dessas manifestações institucionais, e entendendo os fiéis como parte da instituição, é possível encontrar no Instagram de muitos fiéis inúmeras hashtags que criam o senso de comunidade desejado pelos nativos digitais. Essas iniciativas, tanto as institucionais quanto as promovidas pelos fiéis, ilustram uma reconfiguração da mediação da relação homem-sagrado por meio da mídiatização da vida cotidiana nas redes sociais.

Este artigo analisa o posicionamento da Igreja Católica quanto ao advento da internet e de como os fiéis devem se relacionar com ela e um breve relato sobre algumas manifestações dos jovens em rede social é apresentado a fim de traduzir a relevância do fenômeno das redes sociais para o catolicismo contemporâneo. O posicionamento da Igreja sobre essas novas possibilidades ofertadas pelas TICs é traduzido em alguns pronunciamentos e mensagens do Papa, cuja análise será inspirada nas contribuições fundamentais de Spadaro, Sbardelotto,

³ Dados referentes à pesquisa realizada no ano de 2010 e publicada em 2012.

⁴ O Instagram do Papa Francisco é um meio de comunicação idiossincrático, uma vez que é pessoal e institucional ao mesmo tempo. Isso ocorre em razão da “natureza” do papado, considerado um elemento institucional dentro do cristianismo, que é exercido por um indivíduo. É portanto, um Instagram pessoal e institucional ao mesmo tempo.

estabelecendo o marco teórico deste estudo. Complementar a estes estão Bauman, Debord e Fonctuberta, sinalizando algumas transformações da sociedade contemporânea que geraram o cenário no qual a Igreja atua hoje e sobre o qual orienta em seus posicionamentos. Tais teorias permitirão uma melhor compreensão das influências da sociedade conectada na forma pela qual os fiéis vivenciam tanto a experiência pessoal quanto comunitária do sagrado, no ambiente digital, principalmente por meio de imagens.

O que se segue, fundamentalmente, é uma análise de discurso dos pronunciamentos e mensagens do Papa, contextualizando-os com o que os fiéis tem apresentado para a Igreja Católica como uma nova realidade – a expressão digital de suas experiências religiosas, por meio de fotografias e hashtags, por exemplo.

Entre imagens e hashtags: um novo contexto para a Igreja Católica direcionar

Hoje, a rede se constituiu em um espaço de compartilhamento ou, melhor dizendo, de “comunhão”, se admitirmos a linguagem comum do catolicismo para expressar essa rede de solidariedade e partilha que se supõe existir entre fiéis católicos. A rede também se constituiria em uma forma de estar, ainda que sem estar fisicamente. A tecnologia permite essa “presença”, essa aproximação efetiva, embora mediada, que se torna cada vez mais comum na vida cotidiana.

O exercício do cristianismo compreende a exposição pública, a confissão do credo, daquilo que se professa: é o chamado *testemunho*. Dentro do catolicismo, há fenômenos e formas de vivenciar a experiência do sagrado que ainda não estão previstas nos manuais e compêndios da Igreja.

Certo dia, após observar as postagens de alguns jovens que fazem parte de nossa rede no *Instagram*, deparamo-nos com uma sequência de três fotos, de três perfis diferentes, com características comuns. As três fotos eram de jovens católicos entre 20 e 25 anos, moradores de uma cidade onde, no domingo anterior, havia ocorrido um encontro promovido por uma comunidade católica que desenvolve atividades de evangelização para jovens. As três fotos pareciam obedecer a mesma proposta: cada um dos três jovens havia sido registrado em posições que sugerem “estado de oração”, provavelmente, durante momentos de oração do referido evento.

Tal fato instigou-nos a questionar se a experiência transcendente que viviam não teria sido “interrompida” para o registro fotográfico, ou se não teriam interrompido a experiência sagrada de alguém para que lhes fotografassem, ou, ainda, se não estariam apenas simulando um momento de oração para ser registrado e postado na rede social.

Contudo, à medida que discutíamos sobre esse comportamento dos jovens católicos nas redes sociais, entendemos que há de se questionar se é possível falar em interrupção ou se a fotografia não seria parte em si da experiência e sua resposta ao chamado supracitado de dar testemunho, traduzido no versículo bíblico “Ide e fazei discípulos em todas as nações” (Mt 28:19).

O que a Igreja Católica afirma sobre isso? Ela está se manifestando sobre essa realidade ou ainda está omissa? Se há manifestação, é favorável ou desfavorável à presença das TICs em ambientes religiosos, dentro e fora de momentos ritualísticos fundamentais desta religião?

De simples realidade virtual e paralela à experiência real, muitos, principalmente jovens, encontram dificuldades em distinguir uma vida online e uma vida off-line. Não se trataria mais apenas de meio técnico que possibilita experiências específicas, mas da própria construção da experiência em si.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman contempla a contemporaneidade como realização do projeto da modernidade de liquefazer as estruturas sólidas da sociedade, tornando-a mais leve, fluida, em movimento contínuo, contornando obstáculos, moldando-se aos espaços, tempos e, até mesmo, relações e identidades. Usa a metáfora *modernidade líquida* para essa fase da era moderna, sobre a qual pontua também em algumas de suas obras a influência da globalização, do consumo e da tecnologia nesse novo modo de viver e se relacionar, próprio dos indivíduos da sociedade líquida. Bauman observa a exposição da esfera privada como pública, identificando-a a um traço do modo de viver contemporâneo:

Ainda que o eu que a pessoa está lutando para exibir e tornar reconhecido esteja destinado pelo ator a preceder, antecipar e predeterminar a escolha da identidade individual (atribuições étnicas, raciais, religiosas ou de gênero reivindicam pertencer a essa categoria do eu), é o impulso de seleção e o esforço de tornar a escolha publicamente reconhecível que constituem a auto definição do indivíduo líquido-moderno” (BAUMAN, 2008, p. 141).

Para Bauman, a exposição nas redes sociais como forma de identificação faz parte da experiência de sociabilidade da geração conectada, visto que não há separação entre vida virtual e não virtual, pois a primeira está ligada à segunda constituindo uma única forma de viver. Na contemporaneidade, a exposição virtual é uma forma de comunicar-se ao mundo, de existir, de criar identidade, e identidade real. Pois “há mais coisas na vida além da mídia, mas não muito... na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte” (GREER *apud* BAUMAN, 2008, p. 21).

Assim, Bauman sinaliza uma manifestação do que se convencionou chamar de “extimidade”⁵. As redes sociais, principalmente o instagram, focado no conteúdo imagético, contribuem para novas formas de elaborar a cultura visual na contemporaneidade entendida, em parte, como uma sociedade narcísica, focada na autopromoção de si. Nesta, a extimidade é crescente. Diferente da intimidade, na extimidade o que se divulga é para o olhar do outro; o que se faz é para aparecer. Da intimidade à extimidade, o caminho trilhado transformou a construção das relações sociais: agora é por meio da extimidade que as relações se tornam significativas, algo em parte traduzido pelo que Bauman chama de advento da sociedade confessional, lugar este onde segredos são constantemente revelados. E esse confessional é cada vez mais visual, imagético, hipermidiático. Criou-se uma espécie de “fotografo, logo

⁵ Conceito formulado pelo psicanalista Serge Tisseron.

existo” (FONTCUBERTA, 2012, p. 33) apontando que viver implica comunicar e que esse comunicar é cada vez mais visual, por meio das fotografias.

E, se assim o é, o instagram torna-se meio privilegiado para a extimidade, até mesmo da esfera religiosa/espiritual. Ele contribui para novas formas de elaborar a cultura visual na contemporaneidade entendida, em parte, como uma sociedade narcísica. Por outro lado, esse “narciso” encontra seus pares com imensa facilidade nas hashtags.

Assim, #Roma, #Vaticano, #PapaFrancisco, #Eucaristia, e assim por diante, criam uma grande rede de interconexões de perfis e de imagens que comunicam um sagrado partilhado, que se tornam uma nova forma de atender ao ‘Ide e evangelizai’. Há um “senso de comunidade” que pode ser criado a partir das hashtags ao organizarem o conteúdo imagético do instagram. Elas ajudam a formar “Uma espécie de álbum de fotografias colaborativo que permite observar os conteúdos imagéticos e comunicacionais que surgem.” (DE PAULA, GARCIA, 2014, p. 7). Contudo, essa organização sofre os efeitos da categorização linguística que pode fazer com que a #sacramento possa dizer respeito a um sacramento católico ou a um time de basquete. Da mesma forma, a #missa, embora seja bem específica, mostra fotos de pessoas em situações diferentes, com inúmeras imagens que nada evocam religião.

A diversidade dessas fotos, resultante da forma como os indivíduos escolhem relacionar as imagens às categorias, está inteiramente fora do controle das instituições religiosas. Estas podem dar orientação, mas não há mais possibilidades de controle nessa mediação. Entre as orientações possíveis, além das recomendadas nos documentos e discursos oficiais da Igreja Católica, encontramos no site da comunidade católica Shalom recomendações do seminarista Franco Galdino, orientando os jovens sobre como proceder nas redes sociais com o uso das *hashtags* (#). Trata-se de um artigo que chama os católicos a “Ser nas redes *hashtags* de Deus”.

Na vida de cada santo poderíamos enumerar as *hashtags*. São Francisco, por exemplo #pobreza #amoraDeus #caridade. Na vida de Santa Teresa de Jesus #oração #determinadaDeterminação. Na vida de Santa Teresinha #pequenez. Em todos, #Deus está presente, pois é claro quando os vemos, vemos na verdade Deus. [...] Mais importante que colocar versículos bíblicos (apesar de também serem importantes) é testemunhar a sua vida, que deve sempre transparecer Deus. Quando me refiro à vida, refiro-me também as coisas fortes que Deus fala na oração, o grupo de oração, passagens bíblicas que para você são fortes, mas também as outras coisas: comer uma pizza com os amigos, jogar vôlei, surfar, ajudar a lavar as louças, namorar, ir para a faculdade, conviver com sua família etc. Em tudo deve transparecer a beleza de Cristo e isso deve ser anunciado sobre os tetos. [...]. Cuidado para não expor demais a sua vida pessoal. Na rede convém o testemunho que não elimina o bom senso e a discrição. **#Ficadica** A regra é: Isso é realmente importante para mim? Vai fazer a diferença se as pessoas souberem? [...] Se a resposta da pergunta acima for não, melhor deixar a foto arquivada só no seu celular mesmo. Se for uma ideia, melhor que ela não saia da sua cabeça. **#ProntoFalei** (GALDINO,

2016, grifo nosso]

Ao sinalizar o cuidado para não expor demais sua vida pessoal, não só com fins de manter uma vida privada, mas também de manter “interessantes” as postagens individuais, a reportagem da Comunidade Católica Shalom chama atenção para o fenômeno contemporâneo da extimidade.

Estar conectado é próprio da geração de jovens aos quais o Papa Bento XVI se referiu, na mensagem pelo Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2009, como geração digital, por conviver com a internet desde o nascimento e estar acostumada a interagir com a rede e não apenas a receber informações passivamente desta (SCHMIDT, 2010).

A fim de entender como a Igreja Católica tem se posicionado diante da realidade de um ambiente virtual de comunicação e sociabilidade no qual, sobretudo os jovens, estão inseridos, recorrer-se-á a uma análise do discurso da Igreja Católica sobre a tecnologia da informação e a comunicação⁶.

As TICs e a Igreja Católica: direcionamentos papais para os fiéis católicos

A primeira ação on-line da Santa Sé⁷ foi o lançamento de sua página oficial, no Natal de 1995, com uma mensagem do Papa João Paulo II. Ao longo dos anos, a página foi evoluindo, ganhando sessões navegáveis em 1997, até chegar ao que se tem hoje, a saber: tradução para oito idiomas e o acervo de documentos e publicações do Sumo Pontífice e da Cúria Romana (SBARDELOTTO, 2012, p. 39).

Em 2002, em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações, o então Papa João Paulo II, pioneiro a se pronunciar sobre a internet, a esta se referiu como *Revolução das Comunicações*, pois constituía um novo foro para a proclamação do Evangelho, nova fronteira a ser desbravada, cheia de perigos e promessas. Até aqui, poder-se-ia dizer que a Igreja poderia esperar um tipo de transformação semelhante à própria invenção da imprensa por Gutemberg, pré-requisito para a Reforma Protestante e pré-requisito para a Bíblia se tornar o livro mais lido no mundo (LIVRARIA DA FOLHA, 2009). O pontífice via a internet, assim como os outros instrumentos de comunicação, como meio e não fim em si mesmo, sendo suplemento e apoio para o encontro com Cristo na comunidade, sem jamais substituir a presença física na qual Cristo se manifesta em um sacramento (SBARDELOTTO, 2012, p. 39-42). Vale reafirmar que, ao tratar a internet como “fronteira”, o Papa a apresenta como espaço paralelo à realidade social e não como parte dela. Além disso, nesse momento histórico as instituições estavam mais presentes na rede do que os anônimos, algo que a web 2.0 transformou e o advento das redes sociais potencializou sobremaneira.

Em 2009, já sob o pontificado de Bento XVI, a mensagem para o dia mundial das comunicações trazia como tema *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de*

⁶ Este método também foi utilizado por Moisés Sbardelotto, em sua pesquisa “E o verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na internet”.

⁷ A Santa Sé, ou Sé Apostólica, é a mais alta jurisdição eclesiástica da Igreja, isto é, seu mais alto grau de governo.

respeito, de diálogo, de amizade (BENTO XVI, 2009) afirmando que “as novas tecnologias digitais estão provocando mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas” (BENTO XVI, 2009). Sbardelotto, assim, ressalta e critica a Igreja, na pessoa de seu líder, por ainda encarar as mídias como meio neutro que está à disposição dos homens, e como algo à parte da sociabilidade: talvez uma nova forma de vivê-las, mas uma forma ainda à parte da realidade (SBARDELOTTO, 2012, p. 44).

Avanço significativo pode ser percebido no texto de 2011, quando o mesmo Papa afirma que “as novas tecnologias estão mudando não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural” (BENTO XVI, 2009). No discurso do pontífice, Sbardelotto destaca que a rede se tornou parte integrante da vida humana, e que possui suas próprias potencialidades e complexidades, em que comunicar uma informação significa inserir-se numa rede social. Tal pensamento é coroado com a afirmação de que a rede se tornou um novo areópago digital, o que a equipara ao local físico onde, nas sociedades antigas, a vida social se desenrolava (SBARDELOTTO, 2012, p. 47). Em razão disso, é possível interpretar que, ao menos do ponto de vista do discurso, 2009 se apresenta como o ano em que a Igreja Católica reconhece o rompimento, ou, a fragilidade da ideia de “fronteira” entre o online e o off-line.

No ano de 2014, já sob a liderança do Papa Francisco, a mensagem teve como tema *Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro* (FRANCISCO, 2014). Destaca-se que o pontífice recém-eleito ponderava sobre as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia nas interações humanas. Ele se refere à internet como um dom de Deus no qual se oferecem maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos. Contudo, alerta para dois problemas: a velocidade da informação, que pode afetar a capacidade de reflexão; e o desejo por conexão digital, que pode causar isolamento social quando o indivíduo restringe sua sociabilidade somente à mediação tecnológica (FRANCISCO, 2014). Em suas palavras, “comunicar significa tomar consciência de que somos humanos” (FRANCISCO, 2014) e tal consciência deveria gerar proximidade entre as pessoas.

Abrir as portas das igrejas significa também abri-las ao ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos (FRANCISCO, 2014).

Percebe-se, na referida mensagem, que as tecnologias e o ambiente virtual são vistos não somente como meios auxiliares que estão a serviço da comunicação e da cultura do encontro, mas também como lugar para se viver a experiência da relação. Tal experiência, no ambiente digital, acrescenta algo “que nos ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca” (FRANCISCO, 2014). O líder da Igreja também reconhece suas funcionalidades, mas a enxerga como elemento neutro a ser utilizado pelo homem enquanto sujeito consciente da moralidade de suas ações.

No ano de 2015 ocorria na Igreja Católica o *Sínodo da Família* e a mensagem do Papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais destacou-a como a primeira comunidade cristã, isto é, como um ambiente privilegiado para comunicar o que se entende como a gratuidade do amor (de Deus) pelo encontro (entre familiares). O Papa Francisco também ressalta que as mídias contemporâneas “tanto podem dificultar como ajudar a comunicação em família e entre as famílias” (FRANCISCO, 2015). Por fim, exorta a comunidade cristã, sobretudo a família, a orientar os jovens no trato com a tecnologia, para que não se limitem a produzir e consumir informação, mas que vivam no ambiente da comunicação e utilizem a tecnologia em vista do bem comum e da dignidade da pessoa humana (FRANCISCO, 2015).

Em 2016, ano jubilar extraordinário da misericórdia, Francisco declarou que a “comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade” (FRANCISCO, 2016). Tais pontes seriam construídas entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais e os povos, tanto no ambiente físico como no digital. Francisco ressalta também a diferença entre ouvir e escutar: enquanto o primeiro refere-se ao simples acúmulo de informação, o segundo estaria ligado à comunicação, que gera proximidade entre as pessoas (FRANCISCO, 2016). Assim, para o Papa, a comunicação, junto a seus instrumentos e lugares, permitiu o alargamento do horizonte de muitas pessoas, embora tenha trazido grandes responsabilidades. “O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral” (FRANCISCO, 2016). Ele também defende a ideia de que “e-mails, sms, redes sociais, chat podem ser formas de comunicação plenamente humanas” (FRANCISCO, 2016) e que é a forma como os indivíduos usam os meios de comunicação que torna a comunicação autêntica.

Assim, motivado pelo *ano da misericórdia*, o Papa Francisco lançou um olhar humanizado sobre o ambiente digital, como é próprio de seus discursos, convidando a organização que lidera a ir às periferias existenciais, a estar em qualquer lugar onde haja alguém sofrendo ou necessitando de Deus. A mensagem do Dia Mundial das Comunicações de 2016 é, até então, a mensagem na qual o Papa Francisco mais tece elogios à vida digital. Segundo ele,

em rede, também se constrói uma verdadeira cidadania. O acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, tem a sua dignidade que deve ser respeitada. A rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma sociedade sadia e aberta à partilha. (FRANCISCO, 2016)

Neste contexto, percebe-se novamente no discurso a visão da tecnologia da informação e dos meios de comunicação como neutros quanto à moralidade de seu uso, que permanece associada à racionalidade dos indivíduos. Ao apontar a rede como local para a vivência da cidadania, o Papa evoca suas ovelhas a uma ação ética na rede, visando ao bem da pessoa humana.

O texto de 2017, por sua vez, tem como tema *Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo* (FRANCISCO, 2017a). Essa mensagem possui aspecto menos técnico no que diz

respeito à análise da relação das pessoas com as tecnologias, na qual parece estar subentendido o uso universal das mídias sociais. O Papa parte de um breve elogio à tais mídias, afirmando que “Graças ao progresso tecnológico, o acesso aos meios de comunicação possibilita a muitas pessoas ter conhecimento quase instantâneo das notícias e divulgá-las de forma capilar” (FRANCISCO, 2017a). Convoca os fiéis a utilizar tais meios a fim de partilhar a esperança, mesmo em tempos de notícias tão drásticas, a rejeitar os preconceitos, promover a cultura do encontro e a olhar com confiança a realidade. A isso ele nomeia *comunicação construtiva* (FRANCISCO, 2017a).

Em 2018, o título da mensagem papal em razão do Dia Mundial das Comunicações Sociais foi “*A verdade vos tornará livres (Jo 8: 32). Fakenews e jornalismo de paz*” (FRANCISCO, 2018). Nesse texto, o Papa apela novamente para a questão da neutralidade dos meios e da responsabilidade do indivíduo sobre o que veicula, tendo como público alvo os jornalistas. Contudo, sua reflexão pode ser estendida a todos aqueles que veiculam informações na rede, visto que o seu tema central é a falta de comprometimento destes com a veracidade das informações que veicula no processo de “viralização” num contexto social conectado, o que, segundo ele, pode causar danos incalculáveis sobretudo às pessoas a quem se referem tais informações. Chamando tal processo de “desinformação”, ele alerta para a questão do “descrédito do outro, a sua representação como inimigo, chegando-se a uma demonização que pode fomentar conflitos” (FRANCISCO, 2018).

O que essa breve consulta aos textos dos Papas sobre o advento da tecnologia nos informa? Observa-se nesse posicionamento que, desde o lançamento da primeira página on-line oficial da Igreja Católica, durante o papado de João Paulo II, até os tempos de hoje, houve certa evolução quanto à opinião da Igreja sobre eles. Partindo de uma total separação entre a sociedade e a rede, na qual esta era considerada apenas um meio, mantendo em todos os períodos o cuidado com a moralidade do uso de tais recursos, pode-se afirmar que hoje a internet não mais é considerada um mundo paralelo e irreal, mas um novo ambiente onde a instituição deve inserir-se como condição para manter um diálogo permanente com a realidade contemporânea.

Os discursos anuais da Igreja Católica em razão da comemoração do dia mundial das comunicações sociais apresentam uma reflexão permanente do que a instituição orienta sobre a forma de lidar com a tecnologia da informação e comunicação na vida cotidiana da instituição e de seus fiéis, mas há outro documento que se torna fundamental para compreender o posicionamento da Igreja no que diz respeito aos meios de comunicação social. Trata-se do documento *Inter mirifica: sobre os meios de comunicação social*⁸, expressão do Concílio Vaticano II, evento histórico que renovou a ação evangelizadora da Igreja Católica na contemporaneidade. Promulgado em 1963, sob o pontificado de Paulo VI⁹, o documento traz

⁸ Os documentos oficiais da Igreja Católica são nomeados em latim, língua adotada universalmente pela instituição, geralmente adotando as primeiras palavras do documento. Deste modo *Inter mirifica* é a tradução latina de “entre as maravilhas”, palavras iniciais do documento cujo subtítulo indica sua temática: “sobre os meios de comunicação social”.

⁹ Segundo antecessor de João Paulo II.

orientações aos fiéis sobre o trato com os novos meios de comunicação, entre os quais ainda não estava citada a internet, visto que esta ainda não havia sido inventada.

À época do Concílio, quando não havia *smartphones*, e as câmeras filmadoras eram privilégios de companhias de comunicação – o documento traz orientação quanto às transmissões audiovisuais das cerimônias religiosas, para que estas, “particularmente em se tratando da santa missa, façam-se com discrição e dignidade, sob a direção e responsabilidade de pessoa competente, escolhida para tal ofício pelos Bispos” (PAULO VI, 1963a). Apreende-se desse documento que a preocupação da Igreja Católica acerca da mediação tecnológica entre ela e seus fiéis relacionava-se às transmissões televisionadas.

Hoje, mais de meio século após o referido Concílio¹⁰, imersa numa cultura tecnológica, a Igreja Católica, embora reconheça a indispensabilidade dessas novas modalidades de comunicação que o avanço tecnológico trouxe consigo, ainda orienta seus fiéis sobre o uso de tais tecnologias.

Além das encíclicas e textos midiáticos pelo Vaticano, há também alguns encontros entre o Papa e os fiéis católicos, realizados na Praça São Pedro e transmitidos via meios de comunicação, entre os quais está a Audiência Geral, na qual o Pontífice profere uma catequese temática. Relevante para este estudo foi a audiência do dia 8 de novembro de 2017. Na ocasião, o Papa Francisco iniciava uma série de catequeses sobre a Missa, enfatizando a questão de uma participação efetiva dos fiéis durante o ato de culto quando, deixando de lado o discurso que lia, insere uma fala provocadora e espontânea:

Por que em certo ponto o sacerdote que preside a celebração diz: “Corações ao alto”? Não diz: “Celulares ao alto para tirar a foto!”. Não, é uma coisa feia! E eu digo a vocês que me dá tanta tristeza quando celebro aqui na Praça ou na Basílica e vejo tantos telefones levantados, não só dos fiéis, mas também de alguns padres e também bispos. Mas por favor! A Missa não é um espetáculo: é ir ao encontro da paixão e da ressurreição do Senhor. Por isso o sacerdote diz: “Corações ao alto”. O que quer dizer isso? Lembrem-se: nada de telefones (FRANCISCO, 2017b).

A orientação do Papa Francisco durante o discurso que quer resgatar, na iniciada série de catequeses, o valor do sacrifício da Missa, é claro e impactante: “nada de celulares”. A impressão que tal discurso causa é de que os aparelhos eletrônicos atrapalham os fiéis durante as cerimônias religiosas. O discurso expressa, de certa forma, a ideia de que não há espaço para tecnologias no ambiente celebrativo. Ao dizer que o sacerdote não fala “celulares ao alto”, mas “corações ao alto”, expressão própria do rito da Missa, reforça a ideia de que a conexão com o sagrado se faz em contato íntimo “direto” do homem com Deus, e não por meio de uma mediação tecnológica.

¹⁰O Concílio Vaticano II tem certa distância histórica do advento das redes sociais e de sua influência nos relacionamentos humanos. Porém, é necessário destacar que o decreto *Inter Mirifica* já sinalizava uma forma de regulamentar o uso dos meios de comunicação.

Afirmando que “a Missa não é um espetáculo”, Francisco quer convocar seus fiéis para participar do culto e não somente para assistir-lhe ou espetacularizá-lo para si só ou para outros, por meio de suas redes sociais, como quem assiste a algo para se entreter.

A princípio a fala do Papa Francisco parece lembrar a crítica de Guy Debord, escritor e filósofo francês, conhecido por sua obra “A sociedade do espetáculo”. Trata-se de uma sociedade que se forma, reproduz, e se vangloria na dimensão espetacular da vida – um espetáculo exclusivamente positivo. Um espetáculo que é aparência, no qual se vive e se valoriza mais o representado do que o real, mais a imagem do que a coisa em si, algo não-vivo, que, apesar disso, possui uma autonomia. De alguma maneira, o espetáculo inverteria o real, e se tornaria a referência do que se deve ser, ao apenas parecer.

Uma crítica veemente é que como o espetáculo envolve “parecer” e a “aparência”, a vida social seria uma permanente reprodução de um “parecer”, tal como seria em um espetáculo. Ao definir esse espetáculo, em vez de caracterizá-lo a partir das imagens, entende-o como relação social mediada por imagens (DEBORD, 1997, p. 14), sejam elas filmes, fotografias, megaeventos, propagandas, e outros. Para o autor, a realidade seria fruto do espetáculo, enquanto este seria fruto do real. Para Debord, esse ciclo é um tipo de alienação recíproca que permite a reprodução permanente da sociedade do espetáculo. Poder-se-ia pensar no espetáculo como um meio, mas o problema é que ele é o fim em si mesmo (DEBORD, 1997, p. 15).

Contudo, a crítica de Francisco, embora evoque essa mudança de comportamento relacionada à espetacularização da vida, foi diretamente relacionada ao comportamento dos fiéis na missa, que é um rito sagrado, usualmente realizada em locais considerados também sagrados. Francisco, na verdade, ao proferir tal discurso, conclama a participação dos fiéis na ação cultual. Vale evocar o texto da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*, documento que, a partir do Concílio Vaticano II, norteia a ação litúrgica da Igreja Católica:

A Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, **mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente**, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; [...] juntamente com o sacerdote, [...] progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (PAULO VI, 1963b, grifo nosso).

O pressuposto do pontífice, embasado pela doutrina da instituição católica, é que o culto é mediado por um sacerdote que representa aquela comunidade reunida diante da presença do sagrado, e que tal comunidade se une a este sacerdote e, portanto, a Deus, por gestos e expressões específicos e prescritos pela liturgia, dotados de significados. Estes devem ser acompanhados por certa ação interior que conecta o fiel ao mistério celebrado. O que se apreende da exortação de Francisco durante a Audiência Pública é que essa atividade interior esperada dos fiéis durante a celebração da missa se dispersaria no uso das tecnologias, ainda que o indivíduo julgasse importante eternizar aquele momento espiritual num registro de vídeo, áudio ou fotografia.

Como resultado da análise desse breve histórico, desde o momento em que começou a se posicionar sobre mediações tecnológicas e comunicação, percebe-se que a Igreja Católica orienta cautela no uso de certas tecnologias durante suas atividades culturais, principalmente em virtude da noção de participação que professa, a fim de que as conexões externas e tecnológicas não impossibilitem a conexão do fiel com o fenômeno sagrado.

Ao encontro dos fiéis nas redes

Sbardelotto entende que a rede é “um novo contexto existencial” (2012, p. 15). Desse modo, cada vez mais, a vivência na rede está associada à vida das pessoas, distanciando-se daquela antiga visão de realidade virtual paralela e quase que quimérica da vida nas redes. Também na internet, sem deixar a existência objetiva, o homem manifesta e tenta responder seus desejos e aspirações mais íntimos, ainda que de forma distinta da qual outras gerações vivenciam. Nesse ambiente virtual, o homem apenas expressaria seus desejos existenciais: “conexão, relação, comunicação e conhecimento” (SPADARO, 2011, p. 2 *apud* SBARDELOTTO, 2012. p. 52).

Sbardelotto também ressalta que, além do aspecto de vivência pessoal, há também a característica comunicacional que a religião possui, isto é, a evangelização. Há uma nova realidade da dimensão comunicacional vivida pelas religiões em tempos de uma sociedade conectada: “Antes, o átrio da igreja era suficiente para chegar a uma comunidade. Atualmente, são necessários outros canais para chegar a uma população cada vez mais ampla e dispersa” (CARVAJAL, 2009, p. 28 *apud* SBARDELOTTO, 2012. p. 51).

Para Antonio Spadaro, teólogo contemporâneo a quem se confere o termo *cyberteologia*, “o homem tecnológico é igualmente o homem espiritual. [...] Eis, portanto, o ponto-chave, a ligação inegável, profunda e radical entre tecnologia e espiritualidade” (SPADARO, 2016, p. 10). Portanto, entende-se que é possível encontrar uma dimensão espiritual, por meio da qual o homem pode expressar a fé numa nova espécie de ritual, num novo contexto de comunidade reunida, agora interligada pelas conexões da rede.

Outrossim, “a rede não é um novo meio de evangelização, mas, antes de tudo, um contexto no qual a fé deve se exprimir” (SPADARO, 2016, p. 26). Observar a rede como algo subjetivo, paralelo e alienante dificulta uma ambientação da fé por parte da entidade religiosa, nesse novo contexto. O que para o fiel já é uma realidade, isto é, a concepção da rede como novo lugar de encontro, vencendo limites geográficos, bem como lugar de conhecimento e compartilhamento, num volume incontável de informações, para a Igreja ainda é um processo. Como uma instituição milenar transitará entre seus novos fiéis a serem evangelizados, os nativos digitais? O que podemos apreender da realidade que se descortina é que qualquer instituição que queira encontrar espaço na sociedade contemporânea deve relacionar-se com a habilidade de quem já nasceu nela. Pois “a rede é um ambiente que, apesar de todos os riscos de alienação, permite experimentar novas formas de contato, de relação e de expressão pessoal” (SPADARO, 2016, p. 13), o que se tornou extremamente atraente e intrínseco à contemporaneidade. A rede não constitui o futuro da prática religiosa, mas, ousadamente, pode-se afirmar, uma de suas formas já no presente. Para Spadaro, “é necessário perguntar-se:

a rede pode ser uma dimensão na qual se pode viver o Evangelho? A resposta parece ser decididamente afirmativa” (SPADARO, 2016, p. 15).

Diante da presença da rede na vida dos fiéis, cabe às instituições religiosas na contemporaneidade pensá-la como ambiente teológico no qual os fiéis vivem a sua fé. Há, hodiernamente, uma nova forma de construir comunidade, com suas complexidades e desafios próprios. Há um novo ambiente que já foi adentrado pela religião com característica diferente. Primeiramente pelo próprio homem religioso, trazendo a rede para os espaços físicos sagrados. Posteriormente, com as próprias religiões indo ao encontro de seus fiéis, e utilizando-a na conquista de novos fiéis, diante da tomada de consciência de que lá – na rede – os homens também estão; de que a internet é um lugar do qual não pode ausentar-se, pois “é como se toda a população do mundo estivesse presente numa pequena sala, na qual fosse possível um diálogo perpétuo (MCLUHAN, 2002, p. 147 *apud* SPADARO, 2016, p. 45).

Com a proliferação de discursos religiosos, e com a presença das mais diversas religiões na rede, amplia-se a oferta do sagrado e de informações sobre outras religiões. Também possibilita conhecer outros modos de viver e experimentar a mesma fé por inúmeras pessoas, por meio de textos acompanhados de discursos carregados das mais diversas doutrinas aplicadas à experiência de cada pessoa que compartilha algo.

O grande desafio da Igreja, nestes tempos, constitui a compreensão dessa nova forma de viver a fé, e desse novo local que a rede constitui, ao qual todos têm acesso o tempo todo. Nele, a comunidade humana vai se conhecendo e se formando, por afinidade, em novas pequenas comunidades. Tal desafio se assemelha muito, segundo a história, ao que viveram as primeiras comunidades religiosas, os primeiros discípulos, cujo desafio era compartilhar sua experiência, transmitindo os significados envolvidos a fim de evangelizar e converter mais pessoas ao catolicismo.

Em 2007, os bispos católicos da América Latina e do Caribe, reunidos em Assembleia Geral, na cidade de Aparecida, São Paulo, traçaram as diretrizes que regeriam a ação evangelizadora dos anos seguintes. Sobre a relevância do contexto histórico para a ação pastoral da Igreja, posicionaram-se da seguinte maneira:

A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem concretos. Estas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Em fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, nasce dali a necessidade de uma renovação eclesial, que envolve reformas espirituais, pastorais e também institucionais. A conversão dos pastores nos leva também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação, propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades (CELAM, 2007, p. 168).

A renovação da Igreja, de que fala o documento supracitado, referindo-se como conversão pastoral, está baseada em compreender o contexto histórico no qual realiza seu papel enquanto instituição, que é o anúncio de sua crença, a evangelização. Para tal, é necessário ir ao encontro dos fenômenos que marcam o referido contexto histórico. O documento reforça, assim, o chamado a uma conversão pastoral, a uma nova forma de enxergar o ambiente no qual a Igreja desempenha seu ofício. Ambiente do qual a internet não é alheia, mas parte constituinte e determinante, diante da qual se exige nova postura e nova mentalidade.

O próprio documento voltado para a formação sacerdotal (L'OSSERVATORE ROMANO, 2016) também reforça a necessidade de uma Igreja presente nas realidades contemporâneas, sem perder seus alicerces historicamente presentes como a tradição e os sacramentos (estes, todos, exclusivamente presenciais). Reforça ainda a necessidade da presença sacerdotal na rede, nos meios de comunicação contemporâneos, pois não seria possível evangelizar sem comunicar.

Sendo assim, o que esse breve estudo aponta não é uma necessidade de mudança na realidade ritualística da religião, nem na diluição dos ritos e celebrações comunitárias tampouco a mudança da missão da instituição. O que urge é uma compreensão da experiência religiosa das pessoas. E esta, atualmente, parece ser cada vez mais midiaticizada.

É preciso aceitar as transformações recentes que implicam convergência, extimidade, interatividade e uma existência permanentemente exposta imagetivamente, configurando-se novos dados da realidade dos nativos digitais e, conseqüentemente, da sua vivência da experiência religiosa. Assim, a influência dos meios digitais de comunicação não é uma preocupação para o futuro, mas uma realidade atual. Compreender o modo de vida dos fiéis, sobretudo dos jovens, pela maneira pela qual estão imersos na cultura da rede, em seu contexto, possibilita maior eficácia na ação evangelizadora e pastoral de qualquer religião.

Conclusão

Este artigo buscou entender como a Igreja tem se posicionado diante das transformações que as chamadas novas mídias promoveram na vida cotidiana, principalmente dos nativos digitais, criando novas formas, inclusive, de viver e experimentar o sagrado, formas estas amplamente traduzidas de modo a configurar uma nova cultura visual do sagrado, construída a partir dos próprios fiéis, na publicação de suas fotos em ambientes e rituais sagrados, e apoiando-se nas *hashtags* para não apenas expor um tema, mas vincular-se a uma comunidade.

Utilizou-se da análise de conteúdo dos discursos dos Papas, que são as mensagens, orientações e documentos pelos quais é possível conhecer o posicionamento da Igreja sobre o papel da Comunicação.

Tomando por base a pesquisa realizada por Moisés Sbardelotto, pode-se destacar, em alguns dos discursos dos Papas, menções ao uso da tecnologia, bem como um posicionamento exortativo aos fiéis sobre eles. Em 2002, o então Papa João Paulo II, apontou para a internet como um novo foro para o processo de evangelização. Em 2009, Bento XVI, destacou as

mudanças que a internet causou nos modelos de comunicação e relações humanas; porém, referiu-se a esta como meio neutro para tais relações. Já em 2011, o mesmo pontífice se referiu às transformações culturais que a rede provocou, considerando-a parte integrante do modo de viver do homem contemporâneo. Francisco, por sua vez, foca na internet como instigadora da cultura do encontro, desde que salvaguardando a dignidade da pessoa humana. Seu discurso de 2016 compara a internet a uma praça, ou seja, um ambiente, no qual se pode viver tanto para fazer o bem, como para ferir o homem, resultado que seria determinado pela intenção do coração do homem (tanto emissor quanto receptor). Pode-se perceber, neste texto, que o referido Papa considera certa neutralidade moral quando se remete à internet. Contudo, na catequese realizada por Francisco, em novembro de 2017, quando se referia à participação dos fiéis no rito da Missa, demonstrou certo estranhamento quanto ao uso de celulares durante o culto, visão que assume a fotografia como desvio da atenção dos fiéis ao que ocorre no momento da celebração, um reforço do entendimento de que a fotografia seria para fins de “parecer” e não para “ser” ou “estar” presente. Expressava, assim, de forma clara e direta, a ideia de que a conexão com o mundo externo àquele espaço, por meio de dispositivos como o celular – ainda que o objetivo dos fiéis fosse o registro imagético do sagrado e sua posterior divulgação – comprometia a conexão do fiel com a experiência do sagrado que ali se realizava. Contudo, observou-se que essa não é a única forma possível de captar esse momento, e que há quem entenda essa tendência comportamental de maneira existencial, “Fotografo, logo existo”, como um direito à intimidade, direito esse que está sendo discutido na própria esfera do direito civil brasileiro, como parte de uma reformulação ou complementação do próprio “direito à privacidade” (BOLESINA, 2015). No discurso de Francisco em 2018, pôde-se perceber que, tomando por base a ideia da veracidade do que é veiculado nas mídias, o líder religioso tocou novamente na questão do uso das mídias, ressaltando que as pessoas são responsáveis por aquilo que veiculam. Foi um convite à veiculação da verdade no lugar das *Fake News*.

Adotaram-se como marco teórico os estudos sobre religião, comunicação e internet de Sbardelotto, a quem este estudo deve sua inspiração e sua análise de como a internet está presente nas práticas religiosas do catolicismo contemporâneo. Debord foi trazido como um contraponto para observar processos mais profundos que indicam como houve a evolução do espetáculo até chegarmos a essa sociedade tão fortemente imagética, cujas consequências chegaram aos momentos dos rituais religiosos, causando estranheza ao Papa Francisco, traduzida na sua rejeição dos “celulares ao alto”. Apesar de escrito nos anos 1960, a análise de Debord sobre o espetáculo é considerada extremamente coerente com a sociedade amplamente midiaticizada em que as mínimas e mais rotineiras ações da vida cotidiana tornaram-se espetacularização.

Antonio Spadaro, sacerdote católico que vivencia em seu exercício pastoral o desafio de lidar com a tecnologia, afirma que o homem espiritual e social coexistem na mesma pessoa. Tal indivíduo manifesta também nas redes sua ânsia por relacionar-se com os outros e com o transcendente. O referido pensador destacou que a internet deve ser encarada como um novo

contexto, uma nova forma de viver o mesmo Evangelho. Por fim, apresentou-se como a vida se desvela cada vez mais com o “fotografo, logo existo” (FONTCUBERTA, 2009).

Voltando à indagação que instigou essa pesquisa, poder-se-ia questionar se o ato de fotografar seria uma interrupção da experiência sagrada, hipótese adotada pelas pessoas que rejeitam o uso dos celulares nos ambientes religiosos, entre elas o próprio Papa Francisco, ou se esse comportamento é parte constituinte dessa nova experiência do sagrado de um fiel que “fotografa, logo existe”. Logo, enquanto algumas teorias afirmam que se trata de um parecer, ao fim, pode-se tratar do próprio ser, embora uma forma contemporânea de “ser” para a qual muitos parecem não estar preparados para reconhecer como uma nova realidade.

Vale ponderar que, diante dos discursos oficiais da Igreja reunidos sobre a relação da religião com as mídias, há certo estranhamento nessa nova forma de ser cristão (e divulgar-se como tal), visto que o ato de fotografar, de registrar, ainda que como uma ânsia de eternizar aquele momento, é considerado como algo que compromete a participação dos fiéis na realidade objetiva do que está sendo celebrado e proposto a ser vivido naquele determinado momento, principalmente durante a missa.

Ciente desse cenário, e um precursor nos estudos que buscam refletir sobre a relação das TICs com a religião, Spadaro (2016) defendeu que é possível tentar conciliar possibilidades tão diversas, quicá opostas – a imagem como desvio da atenção ou a imagem como reforço da oração e de quem ora. O autor entende que isso é parte do que tornará possível para a Igreja Católica inserir-se nos novos tempos e comportamentos midiáticos de seus fiéis, sem perder elementos de sua religiosidade considerados imutáveis. Deste modo, pode-se perceber na experiência dos jovens que serviu de insight para esta pesquisa, em consonância com a análise do discurso da Igreja sobre a questão dos meios de comunicação e das mídias, uma nova modalidade de testemunhar a experiência do sagrado, nesse ambiente que, para os nativos digitais, em nada se difere do ambiente físico. Tais jovens testemunharam, de fato, a experiência que tiveram e não um recorte não comprometido, nas palavras de Francisco, uma desinformação, uma *fakenews*.

Por fim, acredita-se que o tema aqui tratado é extremamente rico e cheio de novas possibilidades de pensamento. Diante dessa realidade e do ponto de vista da Igreja Católica, mais do que nunca urge “formar” os fiéis na doutrina católica para que essa polissemia seja coerente com os ensinamentos doutrinários. Quicá testemunhe-se, em breve, ante o estranhamento de mentalidades diversas, uma constante aproximação entre o posicionamento oficial da Igreja e a realidade que traduz as redes sociais como uma nova ambiência—interconectada com a ambiência “off-line” tradicionalmente reconhecida pela Igreja, promovendo um encontro, pois em ambas está o homem religioso, ansioso por relacionar-se, ainda que de maneiras distintas, consigo mesmo e com Deus. Contudo, isso só é possível com o pleno reconhecimento de que o futuro da Igreja passa pelas novas formas pelas quais os nativos digitais não apenas se comunicam, mas constroem suas identidades, suas relações, suas comunidades.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BENTO XVI, PP. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html>. Acesso em: 01 dez. 2017.

BÍBLIA, N. T. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BOLESINA, Iuri. *O direito à intimidade no ciberespaço e a transformação do binômio público-privado*. In: Mostra de pesquisa de direito civil constitucionalizado, UNISC. EDUNISC, 2015. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/ecc/article/view/14341>>. Acesso em: 19 set. 2018.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico de 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. 2010. 211p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018

CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus: 2007.

DE PAULA, Daniela Ferreira Lima; GARCIA, Wilton. Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI*. Londrina-PR, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/COMUNICACAO%20%20CONSUMO%20E%20IMAGEM%20NO%20I.pdf>>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FONTCUBERTA, Joan. *A câmera de Pandora: a fotografia depois da fotografia*. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

FRANCISCO, PP. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. 1 de junho de 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. *Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor. 17 de maio de 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. *Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo. 8 de maio de 2016. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. *Mensagem do Papa Francisco para o 51º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43, 5): Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo. 28 de maio de 2017. 2017a. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20170124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. *Mensagem do Papa Francisco para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32): Fake news e jornalismo de paz. 13 de maio de 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. Audiência Geral. *Audiência Pública de 8 de novembro de 2017*. 2017b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20171108_udienza-generale.html>. Acesso em: 16 nov. 2017.

GALDINO, Franco Michel Silva. Ser nas redes hashtags de Deus. *Comunidade Católica Shalom*.

COMSHALOM. 10 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.comshalom.org/ser-nas-redes-hashtags-de-deus/>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

L'OSSERVATORE ROMANO. Congregação para o clero. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Cidade do Vaticano, 2016. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Ratio%20Fundamentalis/O%20Dom%20da%20Voca%20C3%A7ao%20Presbiteral.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018

LIVRARIA DA FOLHA. *Bíblia é o livro mais lido e editado do mundo*; confira algumas versões. Folha de São Paulo. São Paulo, 13 dez. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u665512.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

PAULO VI. Decreto Inter Mirifica: sobre os meios de comunicação social. 1963a. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia. 1963b. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1997.

PEW RESEARCH CENTER. *The Global Religious Landscape A Report on the Size and Distribution of the World's Major Religious Groups as of 2010*. The Pew Forum on Religion & Public Life. 2012. 82 p. Disponível em: <<http://assets.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/11/2014/01/global-religion-full.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Editora Santuário, 2012.

SCHMIDT, Cristina. *Cultura Popular e Múltiplas Mídias: a Comunicação do Público Jovem*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul – RS. 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3148-1.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

SPADARO, Antonio. *Quando a fé se torna social*. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.